



MATERNIDADE ATÍPICA, MESTRADO, PANDEMIA: O TRABALHO DE CUIDADO ENTRE PARÊNTESES

Gisele Camilo da Mata¹, Maria Cristina Silva dos Santos²

¹ Universidade Federal de Minas Gerais, camilodamata@gmail.com

² Universidade Federal de Minas Gerais, mcss.cris55@gmail.com

Propósito

Este artigo, de caráter descritivo e analítico, propõe um diálogo entre duas pesquisadoras que se debruçam nos estudos da maternidade, universidade e ciência, especialmente a maternidade atípica e a experiência de formação acadêmica no mestrado em tempos de pandemia. Valemo-nos da Autoetnografia como método que nos permite trazer nossas vivências, experiências e memórias pessoais seja como mulheres negras, seja como mães atípicas e pesquisadoras. Para tecer nossas reflexões e embasar nossos argumentos nos ancoramos nos estudos sobre Maternidade e na Teoria Feminista Negra de caráter interseccional. A partir da intersecção de raça e classe as feministas negras nos conduzem à reflexão e percepção das diferentes formas de opressão e dos impactos nas subjetividades de mulheres negras ao demonstrar que, como mulheres, não partilhamos da mesma condição de gênero. Contudo, a vivência da maternidade atípica nos distancia ainda mais, e sozinho, esse marcador não dá conta de explicar nossa forma de ser e estar no mundo. Para descrever e analisar a percepção da experiência do isolamento social, da formação acadêmica e da maternidade atípica nesse contexto conduzimo-nos pela seguinte pergunta: Maternidade atípica, formação acadêmica e produção científica na pandemia da COVID-19, há parênteses?

Palavras-chave: Maternidade Atípica, Mestrado, Pandemia, Trabalho de Cuidado.

Pandemia. Maternidade Atípica. Pesquisa

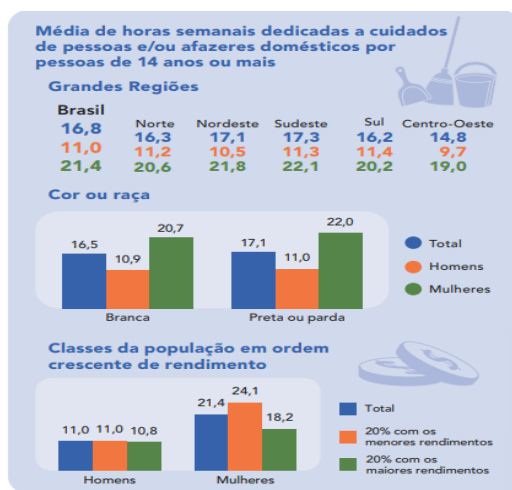
Cada marcador desse é um universo. A pandemia da COVID-19 foi declarada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em março de 2020, devido à propagação da doença em várias regiões do mundo. Diante do conjunto de medidas de isolamento social como medida de biossegurança criou-se uma situação inédita tanto no âmbito individual quanto coletivo. No

âmbito coletivo, tivemos a restrição no acesso a vários serviços no país e no mundo, enquanto que individualmente implicou maior sobrecarga para as mulheres mães, sobretudo pela desigual divisão de tarefas domésticas e do cuidado.

Em relação à pandemia, a literatura atual demonstra que fomos expostos, como humanidade à incerteza e ao terror da morte diante de um vírus invisível e letal. Além disso, naquele momento, o Brasil vivenciava um contexto político e social de negacionismo em sua instituição máxima a frente da gestão do país. Por não ser, sabidamente, consenso entre os governantes em algumas instâncias federativas governadores e prefeitos seguiam as orientações sanitárias para o enfrentamento da pandemia.

Birman (2020) argumenta que essa dupla mensagem causava confusão e contribuía com ações de boicote ao isolamento social. Assistimos a um aprofundamento das desigualdades sociais que lançou sobretudo a classe trabalhadora à própria sorte.

Diante desse contexto, o desamparo mostrou sua face mais cruel: a desigualdade na distribuição do trabalho de cuidado e a partir disso, como mulheres negras particularmente foram afetadas. É o que demonstra os dados de 2019 da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD-c) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em que a média aproximada de 22,0 horas semanais era o tempo dedicado por mulheres pretas ou pardas ao trabalho doméstico e de cuidados não remunerado.



Fonte: IBGE, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2019.
Notas: 1. Consolidado de primeiras entrevistas.
2. Rendimento domiciliar per capita, em ordem crescente, deflacionado para reais médios do próprio ano.

Fonte: IBGE, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2019.

Abismo que se aprofunda quando analisamos as diferenças por renda domiciliar *per capita*, pois impacta diretamente nas desigualdades entre mulheres, uma vez que permite acesso diferenciado, por exemplo pela contratação do serviço de creches e/ou trabalho doméstico remunerado. Apesar da assimetria social, de gênero e raça nesses dados ainda assim não contemplam os efeitos do isolamento social em crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), população particularmente vulnerável às restrições da pandemia, bem como seus cuidadores - majoritariamente as mães.

Diante disso, importa antes, situar que o TEA é um transtorno do neurodesenvolvimento que apresenta déficits na comunicação e interação social, além de padrões restritos e repetitivos de comportamentos e interesses (American Psychiatric Association, 2014).

Como mães queríamos acolher e auxiliar nossos filhos na compreensão micro dos tempos complexos que ocorreram inesperadamente no país. E numa compreensão macro acolher e explicar sobre a mudança abrupta da rotina, algo que é extremamente desafiador para crianças autistas. Mas também queríamos estudar e desenvolver nossas pesquisas, por isso estar em casa não significou mais tempo para isso (Ponte & Araújo, 2022).

Impactos semelhantes estão na carta publicada na revista científica *Science* pelo Movimento Parent in Science em 15 de maio de 2020. Na carta, o movimento chama atenção e centraliza o debate nas consequências negativas para a carreira de mulheres que são cientistas, pesquisadoras e mães frente aos impactos da COVID-19 na vida cotidiana (Staniscuaski *et. al.*, 2020).

Já não bastasse essa dura constatação, outra percepção refere-se à lacuna na literatura sobre a realidade da sobrecarga materna nas famílias atípicas. Visto que às mães não mais cabia apenas o trabalho de reprodução social, o trabalho remunerado e intelectual, mas também cumprir o papel de oferecer suporte irrestrito aos filhos autistas mediando aprendizado, trabalhando para preservar habilidades adquiridas e enfrentando crises - comuns nos quadros de TEA - intensificadas pelo isolamento social (Ponte & Araújo, 2022).

Autoetnografia da maternidade atípica em tempos pandêmicos

A decisão de realizar esse trabalho teve como foco as vivências das autoras em seu percurso formativo da pós-graduação no contexto da pandemia. E foi originada da preocupação

em visibilizar questões da conjuntura social, especialmente às assimetrias sociais de raça, classe, gênero e deficiência em intersecção à produção científica:

Não aguento mais! Estou tão exausta de precisar preparar materiais para as sessões virtuais e mediar o diálogo do Bartolomeu com as terapeutas. Além disso, estou desesperadamente tentando concluir meu sonho que esperei tantos anos para alcançar e hoje, trocando de orientação em meio a pandemia me sinto solitária e desamparada. (Diário de campo, 2020, p. 20)

Como defende Albuquerque & Diniz (2022, p. 2), utilizamos a Autoetnografia neste trabalho como método em que “o pesquisador não exime de analisar a própria experiência e interconexões da própria vida com o tema estudado”.

Era dezembro de 2021 e as aulas permaneciam remotas. Trabalhava também remotamente (trabalho num Instituto Federal), diuturnamente. Também acumulei as tarefas de casa, que dividia com meu marido. No entanto, as questões com as crianças geralmente ficavam por minha conta, dentre elas, o acompanhamento escolar dos dois. Por diversas vezes deixei de atender meus filhos no momento exato que eles demandavam e me lembro de ter pensado em várias ocasiões: “pra que fui inventar esse Mestrado?” A culpa me acompanhava por tudo que eu fazia ou deixava de fazer em relação aos meus filhos, sobretudo meu filho autista. (Cristina, relato pessoal, 2023)

Sabemos que olhar para nossas vivências individuais e isoladas não produz pensamento ou teoria social. No entanto, ao ampliarmos a análise às vivências e relações com a sociedade conseguimos problematizar individual e coletivamente a emergência de questões sociais que foram escancaradas na pandemia. Desta forma, nossas experiências também não passarão despercebidas.

Resultados

Entre os achados do presente estudo, o caráter familista do cuidado ocupa nossas primeiras constatações. Outro ponto, a literatura é unânime ao apontar o trabalho do cuidado exercido em grande parte por mulheres mães, e nós estamos entre elas. De acordo com Ponte & Araújo (2022, p. 3) constatamos ainda que, nos cuidados assumidos na maternidade atípica, “as mães tendem a apresentar maior risco de crise e estresse parental em relação aos pais”.

Por último, ao pensarmos em políticas públicas de cuidado evidencia-se a ausência do Estado, seja em termos de recursos para cuidado com os filhos, seja no investimento em

medidas que oferecessem suporte às mães. Além disso, os serviços disponíveis, ainda mais restritos à época, também não consideravam as mães como público desse cuidado.

Implicações da pesquisa

Atualmente as pesquisas sobre produção científica de mulheres e sobre o trabalho invisível e não remunerado que nos afeta vêm ganhando projeção e gerando debates urgentes e fundamentais. Não se pode pensar em igualdade de direitos sem a garantia de que homens e mulheres possam ocupar os espaços sociais, acadêmicos e políticos de forma equânime. Desse modo, voltar o olhar para a realidade de mulheres negras, partindo de suas próprias experiências é uma forma de romper com a estrutura que nos invisibiliza e dar voz ao conhecimento produzido por grupos historicamente silenciados e subalternizados.

REFERÊNCIAS

- Albuquerque, F., & Diniz, V. (2022). A infantilização de mulheres brancas: Dispositivo de raça, gênero e classe na construção de subjetividades. *Teoria e Cultura*, v. 17 (nº. 3), 60-69. <https://doi.org/10.34019/2318-101X.2022.v17.37908>
- American Psychiatric Association – APA. (2014). *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5* (5ª ed.). Porto Alegre: Artmed.
- Birman, J. (2020). *O trama na pandemia do Coronavírus: suas dimensões políticas, sociais, econômicas, ecológicas, culturais, éticas e científicas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). (2022). *Sociais*. <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/17270-pnad-continua.html>
- Ponte, A. B., & Araújo, L. S. (2022). Vivências de mães no cuidado de crianças com transtorno do espectro autista. *Revista do NUFEN: Phenomenology and Interdisciplinary*, 14(2), 1-15.
- Staniscuaski, F. et al. (2020) Impact of Covid-19 academic mothers. *Science*, vol. 368, issue 6492, 724-725. DOI: 10.1126/science.abc2740